

o individualismo anarquista¹

émile armand*

Pensamos ser necessário posicionar o “Único” confrontando as diversas interpretações do individualismo anarquista.

Entendemos como fato acabado, irrefutável, a existência da associação, do meio, do mundo individualista an-arquista. Hoje, e não no futuro, poderia se dar a esta sociedade o nome de “Internacional individualista anarquista”. Ela é a-política e também, ainda que constate certos fatos, não se preocupa com o problema econômico, com a questão social. Está constituída sobre uma ética da camaradagem, fundada na negação da intervenção ou interferência do Estado — ou das instituições que dele dependem — nas relações que podem manter entre si os individualistas e, afirmamos agora para evitar repetições, “à maneira do Único”. Não são revolucionários, no sentido clássico ou demolidor da palavra e são contrários ao recurso da violência.

* Pseudônimo do individualista anarquista francês Ernest Lucien Juin. Nasceu em 26 de março de 1872, editou diversos periódicos, entre os quais: *L'ère nouvelle* (1901-1911), *Hors du troupeau* (1911), *Par-delà la mêlée* (1916), *L'en Debors* (1922) e *L'unique* (1945). Morreu em 19 de fevereiro de 1963 aos 90 anos de idade.

Suas aspirações, suas tendências (de maneira alguma trata-se aqui de todas) são fielmente condensadas no quadro que se publica em cada número de nosso jornal².

As relações das quais se fala podem ser estabelecidas: por contratos, pactos ou acordos, tácitos ou definidos, ou estudados prevendo as modificações, os anulamentos e vencimentos segundo uma mobilidade bem determinada. Em geral, nosso individualismo, quando se realiza entre vários (e isto não é um paradoxo) é contratual. Estas relações podem não comportar contrato de gênero algum, porque há entre nós, um certo número de companheiros, isolados, rebeldes à idéia de associação, que não admitem firmar nenhum compromisso.

Em todas as relações, que o individualista, o “Único”, mantém com os de “seu mundo”, trata sempre de conservar, de realizar sua individualidade, de reconhecer a si mesmo. Quando adere a uma associação ou a uma “união” de companheiros ou de amigos, é com a finalidade de desenvolver-se e completar-se plenamente, para encontrar contentamento, satisfação, prazer, alegria — também quando lhe convém faz um sacrifício ou uma renúncia. Se consente em não ofender aos individualistas “à maneira deles”, a não prejudicá-los, a não ofendê-los, é sobre a base de reciprocidade e porque sua dignidade pessoal está em jogo.

Pode-se querer, de todos os modos, permanecer “isolado”. Está subentendido que renunciar a associar-se por perseguir uma meta precisa, não quer dizer deixar de ser um companheiro de idéias ou de resistência, com o qual se pode contar; um amigo fiel, um companheiro de andanças, apresentando-se a ocasião. Isto quer dizer simplesmente, que não se sente inclinado a traçar projetos a prazos mais ou menos longos.

De tudo que falei, infere-se que os individualistas não se interessam pelo “curso dos acontecimentos” (a não ser a título documental): seja político, econômico ou moral. Estão comprometidos, apesar de realistas, mas não se fazem nenhuma ilusão. Sabem que diante da engrenagem que a cada manhã os engole, apenas podem opor uma resistência pessoal ou associada, uma resistência que nasce, cresce e se cumpre no fundo de sua consciência, transformando-a em uma cidadela inexpugnável, uma fortaleza inconquistável. Aqui está porque aquilo que se desenvolve no exterior não interessa mais que na medida em que a integridade do ego deles é ameaçada e posta em perigo. E isto explica porque estão, às vezes, obrigados a manter silêncio na presença dos cúmplices ou dos enganados por uma Sociedade à qual, forçosamente, arbitrariamente, fazem parte.

Os individualistas têm muito que pensar acerca de sua própria conservação para se preocupar com o que será da sociedade futura. A sociedade virá a ser o que puder ser.

O essencial, aqui e agora, é escapar de todo perigo que ameace nossa existência pessoal, salvaguardar os nossos, aqueles de “nosso mundo”, da redução ao mesmo denominador comum: propósito e objetivo de todas as civilizações de todos os tempos. Ora, o individualista, a nosso modo, combate às vezes à luz do sol, às vezes por outras vias, por sua conta e risco, para ser seu próprio denominador, isto é, um “único”. Pouco importa a vitória ou a derrota. O essencial é que sua individualidade não tenha sido restringida, que a torre interior na qual se tenha fortificado, soberano, permaneça intacta.

Contratuais como somos, não temos nenhuma simpatia pela insegurança e a instabilidade, erigida em

princípio. À insegurança e à instabilidade, temos, há muito tempo, oposto a camaradagem: “assistência voluntária que os individualistas firmam entre eles, para poupar-se todo o sofrimento inútil ou evitável”.

Já faz muito tempo que definimos a camaradagem como “criadora de boa vontade, de paz, de satisfação, de prazer, de acordo, de harmonia, etc...” E isso, “sem recorrer à proteção do Estado, nem à intervenção do governo, nem à intervenção das leis”.

Antes de ocupar-se da instabilidade e da insegurança da humanidade do passado, do presente e do futuro, não conviria, por acaso, preocupar-se de que modo e até que ponto a camaradagem (assim como a concebemos) tem sido cumprida entre nós, aqueles de nossa humanidade? E, em caso de negativo, por quê?

Há individualistas que trabalham por conta do Estado, e outros por conta da indústria privada. Uma coisa não é melhor que a outra, evidentemente, mas nem todos são capazes de atravessar os oceanos e de montar sua barraca em meio à floresta virgem. Na sociedade em que vegetamos miseravelmente, buscamos nos desenvolver o melhor possível, é inevitável. Por minha parte, declaro, que não invejo ao companheiro que se desenvolveu ou se desenvolve melhor que eu, e não tenho inveja de seu êxito. Tanto melhor para ele!

Dito isto, ninguém me dirá que estar ocupado na indústria do livro — compor (trabalho que conheço), paginar, corrigir, imprimir diários ou livro que defendem, sustentam, exaltam o Estado ou a Igreja, o nacionalismo ou o ocultismo, pra não falar nas estúpidas novelas — tenha mais valor que ser chofer, professor primário ou ferroviário. Seria fácil multiplicar estes exemplos.

Qual é a diferença entre aquele que é assalariado de um industrial ou de uma sociedade subvencionada pelo

Estado e aquele que é diretamente remunerado pelo Estado? Há assalariados do Estado-patrão que recebem uma pensão (constituída por outra parte a suas custas) e são felizes de que outros não sejam beneficiados. Aqueles para os quais a pensão é insuficiente, devem fazer o necessário para que a mesma permita viver a qualquer um que tenha chegado a uma certa idade. (Não há países nos quais cada habitante, chegado a certa idade goza de uma pensão “decente”?).

Mas pretender que o salário do empregado estatal o obrigue a aceitar o rol dominador daquele que lhe paga, é um absurdo. O Estado, patrão, administrador, industrial, comerciante, permanece o que sempre tem sido: tirânico, opressor, que impõe sua vontade a todos aqueles que governa, tanto aos funcionários como aos outros. O financista e o capitão de indústria, permanecem também o que têm sido: os privilegiados.

O individualista é lógico resistindo àquele que o domina: o Estado, e se defendendo daqueles que o exploram: os capitalistas. O salário que recebe (sem o qual viveria miseravelmente desocupado e necessitado) ou a pensão que o Estado-patrão lhe assegura, não muda em nada sua situação.

O Estado continua governando e o capitalista explorando. Um individualista à nossa maneira não se deixa comprar, nem recrutar... e deve recordar-se bem que se desenvolver não é vender-se.

Não falamos do artesão esmagado por múltiplos pesos.

Quando vive pobremente uma vida mais ou menos ascética, o individualista pensa que isso depende do temperamento pessoal e não pode ser proposto como uma solução acabada.

Entretanto, por que o individualista à nossa maneira, não aproveitaria aquilo que a sociedade capitalista põe à sua disposição, se experimenta a necessidade e seus recursos o permitem? A que isto o compromete? Não pediu nada, “paga” tudo o que lhe é oferecido. Não se sente obrigado a nenhum reconhecimento, a nenhuma gratidão, a nenhuma aprovação do funcionamento da coisa econômica. Nada me prova que todos os componentes de nosso mundo tenham a capacidade de assimilar-se ao modo de viver dos guaranis. A experiência demonstra que são poucos aqueles capazes de viver bem em uma “comunidade”, em um ambiente de vida em comum. Quanto aos Incas, penso que o regime ao qual estavam submetidos se assemelha muito a um paternalismo totalitário. Certamente, nós nos tomamos a liberdade de criticar a Sociedade, e não somos solidários de seus assuntos e de seus atos. Nós reclamamos a atenção daqueles que nos lêem ou nos escutam sobre as incoerências que existem entre os princípios apresentados como base da existência da civilização e suas aplicações práticas. A esta crítica amarga, satírica, irônica, às vezes humorística, aqueles que se sentem golpeados nos respondem, em vez de amordaçar aqueles que os cobrem de ridículo. O individualista crítico, protesta, está em oposição, até que encontre razões de reafirmar seu espírito de livre-exame.

Entre os individualistas à nossa maneira, há os que são favoráveis a uma vida cotidiana austera mais próxima à natureza; há outros que preferem a existência das grandes cidades e dos centros de cultura; há partidários de uma alimentação na qual todas as carnes são banidas e outros são onívoros. Há entre eles abstêmios e moderados, mas há os que não querem aceitar a este propósito, nenhuma escravidão: há entre eles nudistas, *Gimnósofos*³ e acampantes, mas também outros — pró-

ximos aos anteriores — para os quais o nudismo, a *gimnosofia*, o acampamento ou a cultura física não despertam neles nenhum desejo de serem praticados.

O mesmo acontece com a medicina oficial ou os “curandeiros”: cada um, sem perturbar ou importunar a outros (amigos, companheiros) se comporta como melhor lhe parece. Falei tudo isto recentemente, mas é bom recordá-lo, porque é esquecido com freqüência com o pretexto de ocupar-se do “bem” dos outros!

A mesma atitude para o problema sexual e tudo aquilo que se relacione com a família, a educação, etc. A tendência do “Único” se manifesta pela pluralidade de amizades e de afetos, e pelas famílias de escolha, mas está fora de questão entre os individualistas “à nossa maneira”, se existem os *unicistas* em matéria de amizades e de afetividade. Não se pergunta a nenhum deles se é heterossexual, homossexual, ou bissexual. Acaso é possível encontrar também aqueles que consideram a castidade como um estado que lhes convém perfeitamente. A cada um a própria verdade. À condição de que não haja nenhuma intervenção no modo de cada um se comportar, nenhuma tendência à fraude, à deslealdade, nenhuma tentativa de influenciar aos seres incapazes ou que não estão em condições de poder julgar, de precisar, por falta de educação ou formação; todo o resto é assunto pessoal. Em nenhum caso o individualista é fator de inquietude entre “os seus”, sabe dominar-se, permanecer dono de si, controlar suas paixões, de outra maneira não seria mais que um palhaço ou um charlatão quando proclama a “soberania do indivíduo”.

Em todos os problemas deste gênero, é necessário deixar a solução aos interessados diretos. A “regra de ouro” da ética individualista an-arquista é muito simples: “ocupa-te de teus assuntos e não te intrometas no

dos demais”. Desde o momento em que há interferência nos assuntos dos outros começa o deslizamento para o arquismo.

Em matéria de educação há muito que dizer. A tese individualista é que a mãe seja a educadora natural da criança: mas esta tese quer também salvar a criança da tirania familiar. Antes de estar na idade para fazer um contrato, pode estar mal com os pais, incompreendido por eles: pode lhe ser oferecido, então, a liberdade de ser adotado por uma família mais compreensiva, de um grupo mais apropriado para seu desenvolvimento. A escolha — reservada à criança — do educador, das matérias de estudos, de sua orientação profissional, são, pois, teses individualistas anarquistas; as quais não posso, neste momento, fazer outra coisa senão esboçá-las reservando-me voltar ao tema em outra oportunidade.

Governar ou administrar? Não sei se chegará o dia no qual a diferença entre estes dois modos de organização social permitirá à unidade humana comportar-se de outra forma que o faria se não fosse coagida; mas, até hoje, governar não tem sido diferente de administrar. Quanto mais forte se mostrou um governo, tanto mais tiveram que “curvar-se” aqueles que tinham relação com a administração que esse governo controlava. De outra forma, a solução de dita diferenciação está sujeita a um prazo tal, que meus leitores e eu mesmo haveremos parado de raciocinar, de construir hipóteses, sepultados como estaremos em um túmulo ou cremados em qualquer *columbarium*. Então, isto não nos interessa.

Aproveito, uma vez mais, a ocasião para manifestar claramente que os individualistas à maneira do “Único”, não trabalham nem sequer assumem uma atitude

como se fossem ou estivessem encarregados de uma missão, ou como portadores de mensagens, ou como profetas, ou utopistas e assim por diante. Têm interiorizado o bastante o sentimento do ridículo, como para renunciar a imaginar que um jornal lido por mais de um milhar de leitores possa “converter” o mundo a suas reivindicações ou a suas aspirações. Não buscamos nem discípulos nem partidários: não somos os “encarregados da propaganda”. Virão a nós aqueles aos que sejamos simpáticos, se afastarão os outros. Se existirem sucessores continuarão como nós, trabalhando pelos que quiserem, para dar qualquer relevo a sua existência. Tanto melhor para eles se realizam mais e melhor que nós. Mas, quem pode dizer sob que aspecto se apresentará, se formulará então o individualismo an-arquista? Eu não, certamente.

Anexo - Principais tendências do “Único” e dos “Individualistas à maneira própria”

Soberania do indivíduo, como princípio fundamental de toda reivindicação de ordem social. — Negação da intervenção do Estado ou da intromissão de qualquer instituição governamental nas relações ou acordos entre indivíduos dotados de razão. — Desenvolvimento do espírito crítico e da iniciativa na educação individual. — A vida como vontade e responsabilidade. — A violência (domínio, imposição, exploração, etc.), brutalidade, uso da força física ou de armas, etc., como fonte dos males que oprimem o indivíduo. — A reciprocidade, como ética da sociabilidade. — Eliminação de todo sofrimento nas relações condicionadas pela amizade e pela camaradagem. — Fidelidade à palavra e às cláusulas dos pactos livremente aceitos, em todos os campos. — Associaçionismo, cooperativismo, mutualismo, mutualismos vo-

luntários e contratuais, em todas os ramos da atividade humana, com garantia para o isolado que queira evoluir à margem do grupo ou da organização. — Liberação dos preconceitos concernentes à raça, à aparência exterior, à desigualdade dos sexos, à condição social, à idade, etc. — A vida pessoal, como obra de arte. — A não interferência do raio de atividades de outro, como limite da expansão da personalidade. — Eugenismo e naturismo refletidos. — Educação sexual integral, mas combate à prostituição e à pornografia sobre todas as suas formas, e rechaço da idéia da mulher considerada como “prisioneira”, simples “necessidade fisiológica” ou “carne para o prazer”. — Domínio de si, mas não renunciar à alegria de viver. — O presenteísmo, como antídoto contra as quimeras do Messianismo, da sociedade-futura, etc. — Repúdio ao dogma revelado ou inspirado, religioso, ou sociológico; assim como ao ocultismo, ao sobrenatural, etc. — A benevolência, a sensibilidade, o espírito de compreensão e de conciliação, a luta contra o “tanto pior para ti”, como fatores de vitalidade interior. — Prática do princípio de “começar por varrer nossa porta”, antes de ocupar-se dos assuntos dos outros. — Interesse pelos ambientes livres, as vilas individualistas, as escolas libertárias, etc. — Famílias de escolha, pluralismo dos afetos e das amizades, em substituição das preferências baseadas nos privilégios e nos tabus. — Compreensão para os não-conformistas, os refratários, os irregulares, os “excelentes”, etc. etc.

Tradução do espanhol por Thiago Souza Santos.

Notas

¹ Publicado no periódico *El único* nº10/11. Buenos Aires, 1994 — primeira publicação no *L'unique*, nº 37/38. Paris, 1954.

² Publicado em anexo, ao final do artigo, sob o título de *Principais Tendências do "Único" e dos "Individualistas à maneira própria"*.

³ Gimnósofos: nome com o qual os gregos e romanos designavam aos Brahmas ou alguns de suas seitas (N. do A).

RESUMO

O autor faz uma análise das principais teses individualistas anarquistas esboçando relações indivíduo-Estado e indivíduo-Sociedade, procurando delinear as resistências pessoais ou associadas dos indivíduos.

Palavras-chave: anarquia, associação, individualistas.

ABSTRACT

The author analyzes the main theses of individualist anarchism, drafting individual-state and individual-society relations in an attempt to draw personal or associative resistance of individuals.

Keywords: Anarchy, association, individualists.

Indicado para publicação em 12 de novembro de 2003.